

Turismo no Vale Histórico Paulista: debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão

Clarissa M. R. Gagliardi
Organizadora

Revisão técnica e diagramação: Isadora R. Petry.

Capa: Giuliano Gagliardi.

Foto da Capa: Bairro Bom Jesus, Silveiras, 2017. Foto de Marina Stella Ferreira.
Mapa da contra-capas: Recorte do Vale Paulista. Fonte: Mapa da Província de São Paulo.
Sociedade Promotora de Imigração de São Paulo. Rio de Janeiro: Lith. Paulo Robin & Cia,
1886. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Autoras e Autores:

Clarissa M. R. Gagliardi, Karina Toledo Solha, Mirza Pellicciotta,
Barbara Marie Van Sebroeck Lutiis Silveira Martins, Diego Edmilson Peralta,
Vanessa Biazioli, Dalton Branco, José Luiz de Moraes, Márcia Azeredo,
Solange Barbosa.

São Paulo, SP.
ECA-USP; CETES; CNPq.
2021.



É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C938 Turismo no Vale Histórico Paulista [recurso eletrônico] : debatendo experiências integradas de ensino, pesquisa e extensão / organização Clarissa M. R. Gagliardi. – São Paulo : ECA-USP : CETES : CNPq, 2021.
e-PUB

ISBN 978-65-88640-39-5

1. Turismo - Vale do Paraíba. 2. Extensão universitária. I. Gagliardi, Clarissa M. R..

CDD 23. ed. – 910.98161

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR

Prof. Dr. Vahan Agoppyan

VICE-REITOR

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

DIRETORA

Profa. Dra. Brasilina Passarelli

VICE-DIRETOR

Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro



9786588640395

ISBN

TURISMO E PATRIMÔNIO NO VALE HISTÓRICO: REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DAS NARRATIVAS TURÍSTICAS NA CONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS DE INCLUSÃO

Clarissa M. R. Gagliardi

Impossível aprofundar todas as análises esboçadas sobre o Vale nesse período de pesquisa. Fiz aqui uma pequena seleção de questões que acho que podem dar uma discussão bacana aqui, mas que não resumem todas as perspectivas de análise sobre a relação do turismo com este território. Na verdade, este webinar não é o único espaço para divulgar resultados deste trabalho, mais adiante estão indicadas as frentes de divulgação em eventos e publicações que já ocorrem desde 2018¹³. Isto posto, vou tentar mostrar um pouco como tiramos dessa experiência conjunta, alguns elementos importantes para análise, além do que já foi posto com relação às práticas de ensino e aprendizagem e do trabalho colaborativo com os municípios, pelas colegas Karina e Bárbara.

No nó das atividades que desenvolvemos e que estão ilustradas na imagem a seguir, destaco que me vali principalmente dos momentos em campo com os alunos para também coletar dados e entender as comunidades, pra otimizar o espaço das oficinas e das assembleias que realizamos nas cidades, das visitas técnicas e da observação participante, eu chamaria até de pesquisa-ação, que fizemos ao longo da construção dos planos de turismo nas quatro cidades. Então ao mesmo tempo em que ensinávamos os alunos (e aprendíamos também), eu fui sistematizando observações e dando vazão a um outro produto que são reflexões que muitas vezes acabam ficando mais no plano acadêmico, mas que então eu gostaria de compartilhar aqui.

Em cima desse trabalho de coleta, observação e sistematização de dados e informações sobre o Vale que eu fui fazendo junto com os alunos e com colegas de equipe, eu recorri a certos conceitos e autores para entender e interpretar outras coisas. São muitas referências, mas para o que eu vou falar aqui, destaco principalmente duas vertentes de análise:

¹³ Ver seção **Publicações** deste e-book.

Turismo no Vale Histórico Paulista

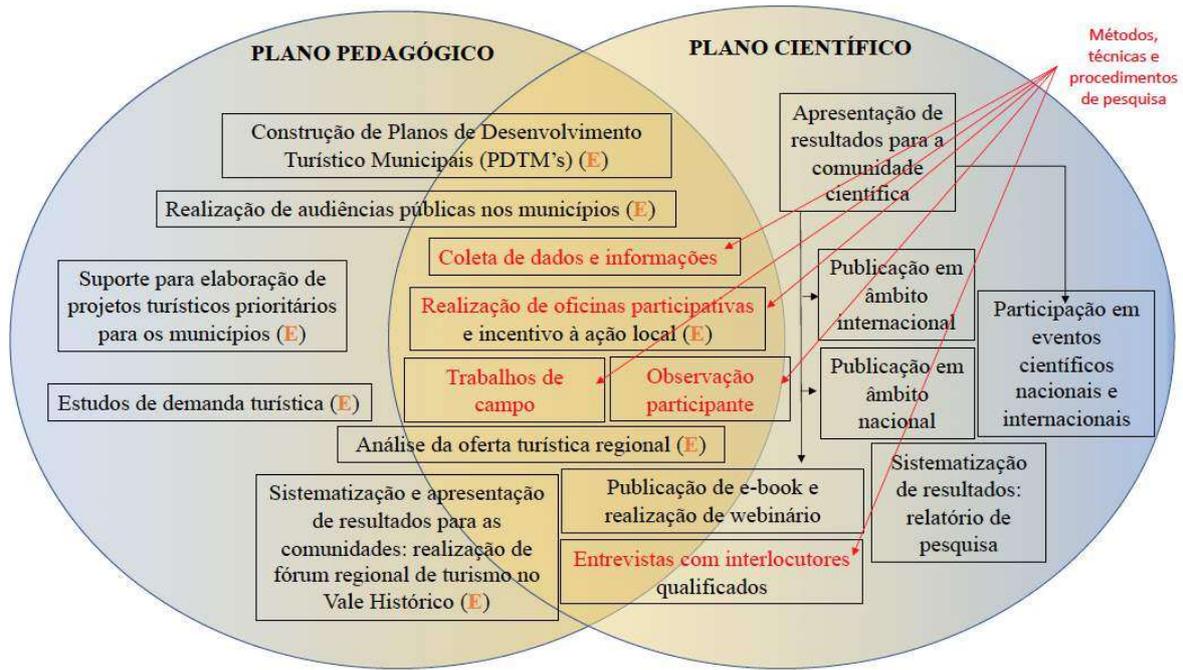


Figura 15: Cruzamento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.
(Fonte: elaboração do autor).

A primeira delas diz respeito à forma como o turismo se relaciona com as histórias do Vale, tanto aquela história escrita, oficial, como também com as memórias locais. Então existe uma fronteira entre história e memória que eu fui analisar para entender a forma como o turismo no Vale Histórico lida com fatos históricos, com heranças difíceis, com memórias traumáticas vividas em um território. Numa região que tem o turismo histórico como um de seus pilares, achei muito importante pensar em como empresários, profissionais de turismo, gestores de atrativos, operam com o passado dessas cidades, que é onde estão ancorados muitos dos atrativos apresentados aos visitantes. Isso porque os trabalhos escritos dos historiadores não são os únicos recursos de representação do passado. Na minha opinião as narrativas turísticas também desempenham essa função de “representar o passado”, de contar a história. Quando eu apresento uma ex-fazenda cafeeira a um visitante, eu posso fazer isso de diversas maneiras, ativando diferentes caminhos de interpretação. Então eu observei quais as estratégias discursivas utilizadas nos atrativos turísticos. O quê e como se conta a história dos locais visitados? Quais os suportes materiais privilegiados nos roteiros turísticos? O que simbolizam essas referências e como são lidas e traduzidas para os visitantes? Então me interessa destacar aqui como eu vejo essa ação do turismo histórico no Vale. Essas perspectivas dialogam muito com o que a Solange Barbosa faz quando opera o turismo cultural, não foi à toa que a convidei e mais adiante isso ficará claro, quando ela interagir conosco.

A segunda vertente de análise é no campo da governança, mas que na hipótese que eu levanto está relacionada com a forma como o turismo opera a história local, por isso a relação entre estes dois campos de análise:

história/memória + governança local. O que quero chamar a atenção é como essa problemática dos usos do patrimônio cultural de alguma forma interfere na gestão do turismo nesses territórios, na minha opinião.

Então achei importante pensar na legitimidade dos espaços participativos de gestão do turismo que pudemos vivenciar, como por exemplo os conselhos e as associações. Para analisar a efetividade destes espaços me vali do conceito de governança colaborativa¹⁴, que pressupõe participação e esforço para se construir consensos e pra isso prevê a inclusão ampla e diversificada das partes interessadas. Essa configuração vai além da construção de uma política de redes colaborativas, porque a rede pode permanecer no plano informal, enquanto a governança colaborativa requer um espaço formal para incorporar os vários segmentos nos processos de tomada de decisão – não é à toa aqui o convite ao Dalton Branco, pra falar deste lugar que são os conselhos de turismo e também do José Luiz, que teve essa experiência em Bananal e mesmo da Márcia Azeredo, que está nesse lugar no qual os gestores públicos se mobilizam para administrar as estâncias, que é a APRECESP.

Assim expus tanto os procedimentos que usei para observar essas cidades quanto o meu percurso de análise. Então passo para a última parte que é elencar as minhas considerações para o debate. Tendo em vista essas duas vertentes de análise que escolhi pra discutir aqui, faço algumas observações específicas. Uma das coisas que eu fiz, foi analisar as estratégias discursivas utilizadas principalmente nas ex-fazendas cafeeiras convertidas para uso turístico. Então observei as narrativas, o que os anfitriões apresentam e como apresentam objetos, pinturas, detalhes arquitetônicos, o que falam aos visitantes, como falam. O que percebi é que se trata de uma atração assentada no visual, quase como um fetiche arquitetônico, com uma tendência marcante de focar elementos estilísticos e decorativos nas edificações senhoriais como forma de reforçar a distinção, o poder social e político dessa elite escravista. E ficou bem evidente que existe um padrão narrativo recorrente, no qual a instituição da escravidão, a presença e a individualidade dos escravos são minimizadas ou invisibilizadas. Alguns autores que estudei chamam isso de aniquilação simbólica¹⁵ e dizem que é possível manipular as memórias porque na construção das narrativas se maneja a história oficial¹⁶. Para dar um exemplo, a maioria das visitas guiadas às fazendas, principalmente de Bananal, onde elas são mais pujantes, se detém longamente nos detalhes arquitetônicos, nas

¹⁴ ANSELL, Chris; GASH, Alison. Collaborative Governance in Theory and Practice. **Journal of Public Administration Research and Theory - JPART 18**. Oxford University Press, pp. 543-571, 2007.

¹⁵ EICHSTEDTAND, Jennifer L. SMALL, Stephen, **Representations of Slavery: Race and Ideology in Southern Plantation Museums**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press, 2002.

¹⁶ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

decorações, no mobiliário, falam os nomes dos senhores, das suas riquezas e até de doações que fizeram para a Santa Casa de Bananal, por exemplo, apresentando essas pessoas como benevolentes, hospitaleiras, enquanto nenhum escravo tem nome, identidade e em geral, são lembrados exclusivamente a partir de instrumentos de tortura (é quase sádico), nunca a partir de suas habilidades, de suas individualidades, das ações de resistência. Mesmo a leitura dos aspectos construtivos não traduz amplamente estes lugares, o potencial cognitivo da cultura material do Vale é sub aproveitada pelo turismo. O sistema de dominação por exemplo, inclusive psicológico, expresso nas construções das fazendas e até nos seus detalhes decorativos, permanece à margem dos programas de turismo. Então eu acho que não basta manter os registros materiais como diz um dos meus autores "...é preciso dotar o rastro de uma dimensão semiótica"¹⁷, ele precisa ser comunicado, interpretado.

Então noto bastante assimétrica a forma como se tratam esses dois grupos sociais: os senhores e os escravos, sendo que em Bananal na segunda metade do século XIX por exemplo, mais de 50% da população era composta por escravos! Isso é percebido em várias fazendas, então é um padrão narrativo parcial e de certa forma encobre o entendimento de como se operou a escravidão nessa região e isso foi muito significativo na nossa história, na verdade é até hoje!

De todo modo, essa forma de contar a história destes lugares não parece ser uma intenção previamente calculada ou maliciosa por parte dos profissionais, mas é uma lógica que impede que se compreenda mais profundamente o que foi a escravidão, como ela se instala e perdura tanto tempo, e também as estratégias de sobrevivência e resistência cultural dos escravizados.

Nessa linha de raciocínio, incluo o desaparecimento das senzalas destinadas aos escravos da lavoura como um apagamento de rastros e uma ameaça de esquecimento definitivo. No caso das senzalas domésticas, embora resistam porque estão integradas à construção das sedes das fazendas, sua simples existência não basta para que o tema da escravidão seja analisado. Algumas fazendas, por exemplo, converteram senzalas em ambientes românticos, salas de estar aconchegantes, então elas acabam virando um *château* no campo e perdendo seu sentido original.

Em função de tudo o que observei e analisei, vejo que essa espécie de ação higienizadora do café constitui uma base muito frágil para um turismo que se pauta pela história, pela cultura, como é em boa parte do Vale Histórico. Eu acho que o turismo nestes lugares de memórias difíceis¹⁸, de traumas

¹⁷ Idem.

¹⁸ MACDONALD, Sharon. **Difficult Heritage: Negotiating the Nazi Past in Nuremberg and Beyond**. London/New York: Routledge, 2009.

passados, deveria servir como uma forma de cultura pública, investido de uma noção de justiça, assumindo mesmo um viés crítico. E acho que há público pra tudo isso, porque o turista não é um receptor passivo de tudo e acho que dá pra enriquecer, criar diferenciais inclusive, dentro do mercado, a partir de outras leituras desses lugares. Há uma vertente interessante de turismo que alguns agentes de mercado têm chamado de “afroturismo”¹⁹, que vem formando produtos nas brechas deixadas por essas narrativas voltadas para os heróis, as elites e seus grandes marcos históricos.

Minha segunda consideração tenta relacionar essa problemática da escravidão e do patrimônio à gestão do turismo. E fiz isso porque frequento essa região desde os anos 1990 e vejo que, não obstante dois destes quatro municípios que estudamos tenham acesso aos recursos destinado às estâncias há 20, 30 anos, o panorama da atividade turística no Vale não mudou tanto e parte do patrimônio que poderia fortalecer esse turismo histórico vem se perdendo (a exemplo da Fazenda Rialto²⁰, que cheguei a ver em Bananal nos anos 1990 e que desapareceu). Então eu acho que o problema não é falta de recurso, mas a falta de um consenso e de controle social sobre seu uso para ações mais estruturais de turismo. Daí minha hipótese de que a desagregação e a desmobilização de boa parte dos segmentos sociais em projetos de turismo têm a ver com a falta de identidade das pessoas com narrativas que são segregadoras, mas que perduram na região por anos e anos. Nós percebemos que há conselhos de turismo em várias cidades, por exemplo, mas nem sempre eles têm força, engajamento e representação suficiente para construir e manter projetos descolados das políticas de governo.

No caso de outras iniciativas de associativismo para representar o Vale Histórico, percebo ainda mais o reforço dessa identidade elitista e que acaba sendo excludente ao invés de agregar. Talvez o maior exemplo disso seja a ARCCO, Associação Roteiros Caminhos da Corte, cujo nome já faz alusão a cidades escravocratas como se fossem cortesãs e que acabou construindo um importante espaço junto a órgãos públicos para representar o Vale. Daí eu vi que recentemente a associação mudou seu nome para APEAR²¹, em alusão ao movimento tropeirista, que é uma outra vertente identitária que gravita no Vale. Ela mudou de nome, mas não de padrão narrativo, porque o tropeirismo

¹⁹ <https://guianegro.com.br/turismo-etnico-ou-afroturismo-o-que-e-onde-ocorre-e-como-pratica-lo/>

²⁰ TIRELLO, Regina A. O caso da destruição das pinturas murais da sede da Fazenda Rialto, Bananal. **Anais do Museu Paulista - Conservação e Restauro**. Vol, 13, vol. 13, nº2, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/R3HhXMQzgpYwBCJrmX8bhmX/?lang=pt>.

²¹ <https://www.arado.info/apear>.